



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social, geração e classes sociais

Sub-eixo: Envelhecimento

ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA E A PANDEMIA DE COVID-19 COMO AMPLIFICADORA DAS DESIGUALDADES SOCIORACIAIS

AMANDA FAUSTINO DOS SANTOS ¹

SABRINA SANTOS SILVA ²

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar através dos fatores sócio-históricos os impactos do período da escravização da população negra brasileira e as decorrências das desigualdades sociorraciais no Brasil e como influenciam o processo de envelhecimento, dando ênfase a questão racial pautando a realidade da população negra, levando também em consideração diante dessa análise a época pandêmica de COVID-19. O percurso metodológico foi estruturado por meio de pesquisa teórica documental e as análises a partir do método materialismo histórico-dialético. A nova forma de abordar o envelhecimento voltado à uma perspectiva social é uma realidade que tem chamado atenção nos últimos anos, visto que o assunto sempre fora pautado em um viés voltado à saúde. De acordo com dados do censo realizado em 2010 no Brasil pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a expectativa de vida da população negra brasileira teve um significativo aumento nos últimos tempos, entretanto, ainda é menor do que a da população branca. Ademais, compreendendo o marco histórico que a pandemia de COVID-19 deixou, o público mais atingido dessa enfermidade que conseqüentemente veio a óbito foi a população negra e idosa. O racismo estrutural presente na sociedade brasileira afeta diretamente o processo de envelhecimento da população negra de várias maneiras, principalmente na precarização do acesso às políticas sociais. De acordo com as análises realizadas e referenciadas nas obras de Achille Mbembe e Abdias Nascimento essa é a forma que o Estado tem estrategicamente estabelecido a necropolítica, uma política de morte, sendo a população negra quem diariamente e historicamente tem sofrido com tal fato.

Palavras chaves: envelhecimento; pandemia; população negra; racismo estrutural; covid-19.

¹ Universidade Estadual Paulista

² Universidade Estadual Paulista



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

RESUMEN

Este trabalho consiste em analisar, a través de factores sociohistóricos, los impactos del período de esclavización de la población negra brasileña y las consecuencias de las desigualdades sociorraciales en Brasil y cómo influyen en el proceso de envejecimiento, enfatizando la cuestión racial que orienta la realidad de La población negra, teniendo en cuenta el período de la pandemia de COVID-19, también se tiene en cuenta en este análisis. El camino metodológico se estructuró a través de investigaciones y análisis teóricos documentales basados en el método del materialismo histórico-dialéctico. La nueva forma de abordar el envejecimiento desde una perspectiva social es una realidad que ha llamado la atención en los últimos años, ya que el tema siempre ha estado centrado en la salud. Según datos del censo realizado en Brasil en 2010 por el IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), la esperanza de vida de la población brasileña negra ha experimentado un aumento significativo en los últimos tiempos, sin embargo, sigue siendo inferior a la de la población brasileña. población blanca. Además, entendiendo el hito histórico que dejó la pandemia de COVID-19, el público más afectado por esta enfermedad, que en consecuencia resultó en muerte, fue la población negra y de edad avanzada. El racismo estructural presente en la sociedad brasileña incide directamente en el proceso de envejecimiento de la población negra de varias maneras, principalmente en la precariedad del acceso a las políticas sociales. Según los análisis realizados y referenciados en las obras de Achille Mbembe y Abdias Nascimento, esta es la forma en que el Estado ha establecido estratégicamente una necropolítica, una política de muerte, siendo la población negra la que ha sufrido diaria e históricamente este hecho.

Palabras clave: envejecimiento; pandemia; población negra; racismo estructural; COVID-19.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 teve seu estopim no final do ano de 2019 em Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China na qual emergiu como um fenômeno global que ultrapassou fronteiras mundiais e reverberou profundamente nas estruturas econômicas, sociais e fundamentais de todas as nações. Ao longo das últimas décadas, essa crise sanitária expôs não apenas as fragilidades dos sistemas de saúde, mas também trouxe à tona perspectivas das desigualdades sociais que permeiam muitas sociedades contemporâneas. No contexto brasileiro,

uma das convergências mais impactantes dessa crise é a interação entre a pandemia, as estratégias veladas da necropolítica e o envelhecimento da população negra.

O conceito de necropolítica criado por Achille Mbembe (2018), se refere a política de poder que decide quem vive e quem morre, muitas vezes de forma sistemática e discriminatória. No Brasil, essa forma de soberania tem um enredo que remonta à colonização e ao período de escravização e que continua a influenciar a vida das populações marginalizadas, especificamente a negra. A pandemia de COVID-19, ao interagir com essas estruturas preexistentes, reflete sobre como as vidas já vulnerabilizadas pelo sistema já estão mais suscetíveis a serem consideradas "descartáveis" em situações de calamidades.

O envelhecimento nos tempos atuais toma-se uma nova roupagem, tendo sua abordagem no âmbito social, sendo fomentado como as diversas pessoas passam por esse processo de forma diferente, sendo um fenômeno global rico em oportunidades e desafios. Entretanto, quando interseccionado as desigualdades sociais e a cultura de necropolítica, o envelhecimento pautado na população negra brasileira enfrenta desafios ainda mais repulsivos.

A Pandemia ressaltou as desigualdades pré-existentes, em vista disso, esse artigo tem por objetivo explicar como o privilégio de alguns afeta grupos majoritariamente desfavorecidos, tendo como consequência nociva a morte. Sendo assim, somente com políticas e ações efetivas de cunho principalmente governamental será possível ultrapassar barreiras de desigualdades para emancipação social.

RACISMO ESTRUTURAL E A NECROPOLÍTICA

Para a compreensão da dinâmica social vivenciada pela população negra no Brasil é necessário remeter ao processo sócio-histórico da construção da sociedade brasileira no início do século XV, se tornando indispensável compreender as bases para a constituição da federação brasileira sem falar sobre o processo de escravização e genocídio da população negra e indígena a qual os objetivos eram obter mão de obra de maneira extremamente violenta para a construção e estruturação da economia. O açoitamento gerou marcas físicas, psicológicas e sociais que não foram superadas em 13 de maio de 1888, a população negra vive e sente de forma violenta as marcas que a escravidão as deixou.

Em meados do século XV, foi um período em que havia fortemente a conduta de domínio dos Estados, a igreja possuía uma forte influência na sociedade e o rei tinha representação



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

absoluta sobre ela. Portanto, a partir dessa ideologia, os países observaram a necessidade de buscar riquezas em outros que não estavam no ciclo da economia europeia, então inicia o processo de Grandes Navegações e a busca de territórios para a imposição do sistema colonial, principalmente nas Américas.

Entre a transição do feudalismo e capitalismo, os países da Europa viram a necessidade de explorar riquezas em outros países para fomentar o ciclo económico europeu, então, a coroa portuguesa financiou as grandes navegações e no ano de 1500 os primeiros portugueses chegaram ao chamado “Novo Mundo” (América). Logo os primeiros europeus invadiram as terras do Brasil e tiveram os primeiros contatos com os povos originários. É necessário pontuar que quando se trata do processo de colonização, não é coerente afirmar que foi uma descoberta, e sim invasão, visto que os indígenas já habitavam o território brasileiro. A colonização portuguesa no Brasil se efetivou a partir da exploração, extermínio dos povos indígenas, africanos e também a apropriação de terras.

Após o processo de invasão, com a necessidade de administração do território, houve então a implantação das capitanias hereditárias e a partir desse momento começaram a ser incentivados o desenvolvimento de engenhos de produção do açúcar. Esse trabalho era considerado complexo e demandava uma grande quantidade de trabalhadores braçais, logo, a estratégia adotada pelos portugueses foi a escravização de povos que consideravam inferiores para conseguir essa mão de obra. O processo de escravidão no território brasileiro inicia com os indígenas que aqui já estavam, mas devido à resistência dos povos originários e a insuficiência da força de trabalho, por volta de 1530 inicia o tráfico humano de pessoas africanas para o território brasileiro, e em 1535 a organização do comércio para a venda dos escravizados que foram trazidas no continente africano sob correntes.

Por quase duas centúrias, a plantação de cana-de-açúcar e seu processamento requerem a concentração de escravos na região nordestina do Brasil, embora os africanos estivessem espalhados por todo o território nacional. As descobertas de ouro e diamantes no século XV 111 no estado de Minas Gerais deslocam o ponto focal dos escravos africanos mais para o sul. O mesmo fenômeno se repetiria quando na primeira metade do século XIX, a queda da produtividade das minas e o início do chamado ciclo do café, cujas plantações se localizavam principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, outra vez dirigiu a migração escrava mais para o sul. (Nascimento, p.49, 2016)

Com os elementos que Abdias Nascimento (2016) traz em sua literatura, é evidente que a escravização dos povos africanos foi uma estratégia fundamental para o início da economia brasileira, visto que, sem essa população a estrutura econômica não teria existido, não existiria

colonização, justamente porque não teria força de trabalho para erguer a estrutura da união europeia.

Após mais de 300 anos de escravização em solo brasileiro, em 18 de maio de 1888 por pressões externas e resistências internas, a princesa Isabel então assina a Lei Áurea, e a partir desse momento atira os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, exonerando a responsabilidade dos senhores dos engenhos, do Estado e da Igreja sob o crime cometido por quase 4 séculos e para além da isenção da culpa, expulsaram essas pessoas do ciclo social e que agora teriam que constituir essa tal liberdade sem oportunidade e nem reparação. A “falsa liberdade” concedida pela princesa Isabel e seus aliados, continua aprisionando a maioria da população negra brasileira, tendo em vista que é a população em que mais vive situação de pobreza econômica e social no país.

Vista que tenha passado 135 anos da abolição, é notável que atrelado ao modo de produção capitalista existe um projeto societário que se beneficia do racismo e dos corpos que têm historicamente explorado há mais de 500 anos, portanto, não se move para romper com essa condição que há tempos tem estruturado, por meio da exploração e morte da população negra. O filme brasileiro “Quanto vale ou é por Quilo” de Sérgio Bianchi gravado em 2005, ilustra essa realidade. A obra cinematográfica retrata duas épocas diferentes, o período do escravismo no século XVIII e a realidade do século XX, e o ponto chave do desenvolvimento pelo longa-metragem é que os dois períodos assemelham-se.

Conforme apresentado no filme, ainda se mantém a impunidade e a violência nas diferenças sociais e econômicas referente a população negra, até os dias atuais. No século XVIII havia a exploração da escravidão com todas as torturas, físicas, psicológicas, sociais e a exploração sexual de diversas mulheres negras por senhores de engenho, com objetivos de obter controle sobre esses corpos e a obtenção de trabalho forçado.

No século XXI há ainda situações semelhantes, porém, o racismo no século atual é mascarado pela falsa cidadania, as expressões da questão social vivenciada por essa população tem sido cada vez mais agravadas como a exploração do trabalho, pobreza, desemprego, encarceramento em massa, trabalho precário, dificuldade e precarização do acesso à saúde, à educação, habitação, alimentação e diversas outras vulnerabilidades sociais. Fica evidente que as cicatrizes deixadas pela escravização não foram reparadas e nem superadas, o que torna a realidade da população negra totalmente desigual.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Achille Mbembe e Abdias Nascimento dialogam em suas respectivas obras, "Necropolitics" (2018) e "Genocídio do Negro Brasileiro" (2016), o quanto o Estado constrói e desenvolve desde 1500 políticas de exclusão baseadas na ideologia de subalternidade racial, e a partir disso elege os grupos considerados úteis ou descartáveis. O conceito de necropolítica, que é dialogado entre as duas obras, é que em uma sociedade que é estruturada a partir da ideologia de supremacia racial, é necessário haver ferramentas que regulamentam e regularizam o poder de gestão do Estado sobre a vida da população, ditando quem pode viver e quem deve morrer para garantir o funcionamento do sistema capitalista que também é um sistema racista.

Achille (2018), em sua obra "Necropolítica" desenvolve a reflexão de que as ferramentas as quais são estrategicamente moldadas, são medidas estatais que flexibilizam a violação de direitos, a precarização do acesso às políticas sociais, as violências institucionais e principalmente a isenção da responsabilidade do Estado pelo período da escravocrata, deixando os africanos e seus descendentes sem reparação histórica. Todas essas estratégias governamentais promovem a vida e a morte a partir de características que hierarquizam os corpos, estratificando-os entre os que podem ser eliminados e os que devem viver. Achille Mbembe (2018, p.18), explicita que o "[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, 'este velho direito soberano de matar.' Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado". Em uma sociedade estruturalmente formulada pelo racismo, enquanto mecanismo de um sistema político de dominação, as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte estão definidas a partir de duas ideias que se complementam: a primeira, que existem diferentes hierarquias entre etnias da raça humana; já a segunda, que existem povos étnicos inferiores a outros. Nessa perspectiva, Bento (2018) destaca que na história brasileira há uma constante política de fazer morrer, com "técnicas planejadas e sistemáticas através de atos contínuos do Estado contra populações que devem desaparecer" (2018, p.4).

Portanto, há o entendimento que apesar de teoricamente a Lei Áurea ter libertado as pessoas de um sistema de violência e violação de direitos, essa realidade continua no século XXI, mas agora mascarada com a falsa cidadania implementada pela constituição brasileira de 1988. No contexto brasileiro, as condições subjagadas às pessoas negras constroem um quadro de condições de vida estruturado em injustos processos sociais, culturais e econômicos históricos, são fabricados e multiplicados pelo racismo estrutural e estruturante aumentando as



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

vulnerabilidades que permitem e condicionam determinados grupos a experiências desiguais ao acesso aos direitos sociais, quando comparados com os brancos.

Essa realidade vivenciada pela população negra impacta diretamente na sua qualidade de vida e principalmente no momento de envelhecimento. O processo de envelhecer não se dá de forma homogênea. Este é um fator complexo que apresenta variáveis tanto na genética, como nos aspectos culturais e socioeconômicos. Cabe considerar ainda que as pessoas idosas não vivenciam a mesma experiência de vida, pois evidenciam diferentes aspectos nos quais estão inseridas. Nessa perspectiva, Lopes (2011) acrescenta que:

o envelhecimento é um processo complexo que abriga não só o aspecto biológico, mas uma grande diversidade de situações. A experiência de envelhecer é diversificada porque depende da classe social a que o indivíduo pertence, dos aspectos culturais e biológicos que se interagem na construção da multiplicidade. A sociedade capitalista se estruturou em classes com diferenças abismais entre ricos e pobres. Esta demarcação dada pela pobreza irá refletir na maneira de envelhecer e morrer (Lopes, p.22, 2011)

O período da escravização deixou marcas que refletem até hoje, sendo a população negra a maior prejudicada socialmente, lidando diariamente com as diversas faces da pobreza e do sucateamento das políticas sociais, fatores que são determinantes para o envelhecimento, fazendo com que o processo de envelhecer seja diferente do que da maioria das pessoas brancas.

ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA

A elevação na expectativa de vida reflete em um envelhecimento da população e por consequência cada grupo social envelhece de formas diferentes, revelando diversos fatores, tais como: raça, localidade, condições de trabalho na qual atuaram, entre outros. Em fatores científicos e genéticos houve um aumento nos estudos vinculados ao tema com essas perspectivas, além de apontarem que o envelhecimento humano está sujeito a influências intrínsecas, como a constituição genética individual responsável pela longevidade máxima e aos fatores extrínsecos condizentes às exposições ambientais que o indivíduo sofreu, tipo de dieta, sedentarismo e poluição

A qualidade de vida reflete muito a construção social em que o indivíduo participa, constituído por fatores de localidade, infraestrutura, experiência, conhecimento, sociabilidade e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

espaços diferentes de convivência. Conforme a perspectiva abordada pela autora Minayo (2000), a relatividade da noção de qualidade de vida tem 4 pontos de referências, sendo eles: cultura, história, classe social e referente às estratificações.

Conforme o processo histórico racial, o cidadão negro após um período de muita luta pela abolição do tempo de escravização foi lhe garantido a liberdade, entretanto, não houve nenhum tipo de política pública que o inserisse de forma digna à sociedade. O discurso dominante proclamava que os ex-escravizados não eram qualificados o suficiente para ajudar a erguer os pilares da nação capitalista, buscava-se um trabalhador de uma raça mais nobre, ou melhor, branca. Diante disso, a população negra foi jogada à margem da sociedade, transformando-se em mão de obra barata e sendo atribuída a trabalhos braçais e não valorizados.

Os tempos coloniais retrógrados refletem até hoje no viés do trabalho e conseqüentemente na qualidade de vida, sendo a população negra a maior vítima do desemprego e marginalização, fatores que caem sob o envelhecimento dessas pessoas, fazendo com que envelheçam de forma diferente e tenham uma expectativa de vida menor do que as demais devido à questão social impregnada estruturalmente.

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que os idosos representavam 14,7% da população brasileira em 2021, e entre esses quase 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos, apenas 48% são pessoas idosas negras, dados antagônicos, pois a população negra brasileira representa 53,6% da totalidade societária, análise crucial para abordar a indagação de Minayo (2000), que retrata que a qualidade de vida trata-se de uma construção social devido as abrangências que refletem em experiências, valores coletivos e individuais variados em diferentes épocas e espaços, sendo o fator racial fundamental para análise e abordando que a raça é um determinante social.

Em análise feita pelo IBGE no ano de 2019, o fator de expectativa de vida no Brasil dentre os estados federativos, foi apontado que em Florianópolis, capital de Santa Catarina, é a cidade com maior longevidade, cujo índice é de 79,7 anos de idade, sendo sua localização no Sul Brasileiro, região que no período colonial houve um grande número de migrantes portugueses das ilhas de açores, logo, a população é composta principalmente por descendentes de portugueses, açorianos, alemães e italianos e hoje há uma concentração econômica muito farta e diversificada, com grandes investimentos na industrialização, agricultura e pecuária. Entretanto, já o último colocado na expectativa de vida brasileira é o estado de Piauí, localizado no nordeste brasileiro, onde não há grandes investimentos, devido a problemas sociais históricos, como defasagem e

pouca diversificação da agricultura e indústria, concentração de terra e renda na mão de poucos e principalmente pela seca que ocorre sazonalmente na região.

A partir desses dados, refletimos que o acesso às políticas sociais, como saúde, saneamento básico, educação, moradia, emprego, retratam como a pessoa está localizada na sociedade perante sua classe social, no qual esses direitos são ofertados de forma desigual e resplandece a vulnerabilidade pautada na questão racial atuante, sendo excludente os direitos humanos para determinado público.

Em síntese, observa-se que os principais determinantes da qualidade de vida se dão com a problematização da raça, estratificação social dimensional que se relaciona com a classe social obtendo reflexos principalmente na distribuição de poder entre os grupos sociais no interior da sociedade. Nos embasamentos teóricos, conclui-se que a classe social ocupada pelo indivíduo reflete sobre seu modo de viver e conseqüentemente na saúde por exposição em determinados locais e acessos onde não há oportunidades e desenvolvimentos comparado a outros sujeitos.

POPULAÇÃO IDOSA NEGRA NA COVID-19

Segundo informações do Ministério da Saúde, a COVID-19 é, por definição, uma infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV-2, que pertence à família dos coronavírus. Trata-se de um vírus de fácil transmissão e que afeta o sistema respiratório, ocasionando sintomas como tosse, febre, cansaço, dores pelo corpo e dificuldade para respirar. A pandemia de COVID-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de Wuhan, no sudeste da China.

O primeiro caso de COVID-19 foi identificado no Brasil em fevereiro de 2020, e, quase três anos mais tarde, mais de 36 milhões de pessoas foram infectadas, com 693 mil registros de óbito. Portanto a pandemia de COVID-19 foi um marco mundial, no Brasil afetou a saúde de 36 milhões de pessoas causando centenas de morte referente à doença, contudo, essa doença afetou de forma mais agressiva uma parcela da população, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – morreram mais pessoas negras do que brancas em decorrência da COVID-19 no Brasil.

Segundo os dados da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a assertiva pode ser verificada a partir de dois estudos realizados em 2021: um do Núcleo de Operações e Inteligência em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Saúde, grupo da PUC-Rio e outro do Instituto Pólis. No primeiro, ficou demonstrado que, enquanto 55% de negros morreram por COVID, a proporção entre brancos foi de 38%. Na segunda pesquisa, o Instituto Polis mostrou que a taxa de óbitos por COVID-19 entre negros na capital paulista foi de 172/100 mil habitantes, enquanto para brancos foi de 115 óbitos/100 mil habitantes.

Os indicadores que foram citados, reafirmam as convicções presentes neste trabalho, o racismo é um determinante social de quem permanece vivo ou não, diante de uma pandemia global. A falta de políticas governamentais, o descaso com a população e o sucateamento das políticas sociais foram decisivos para que a população perdesse suas vidas, muitas vezes esperando vaga em hospitais públicos.

O racismo estrutural e a necropolítica são bases estruturantes para tamanho descaso com essa população, O Estado planeja suas ofensivas através do sucateamento de políticas públicas, assim como já desenvolvido nos parágrafos anteriores, entendendo que a maioria da população negra vive hoje em condições de pobreza e que essas vulnerabilidades sociais são resolutivas para que acessem a política de saúde pública, mesmo sendo direito, há um sucateamento referente ao acesso do SUS no Brasil, fato determinante para que a maioria dessa população fosse prejudicada, diante a agravamentos no estado de saúde. Juntamente com o aumento das expressões da questão social, a pandemia de COVID-19 também exaltou a invisibilidade de diversos grupos sociais, sobretudo de pessoas idosas negras, tal fato retira direitos que são por lei regulamentados.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD), a população negra brasileira já é, ou está muito próxima de ser, a maioria na faixa etária acima dos 60 anos. Dos 32 milhões de idosos do país estimados em 2018, 48%, quase 15,5 milhões, compõem a população negra, sendo 8,8%, quase 3 milhões, de pessoas idosas pretas, e 39,2% ,um pouco mais de 12,5 milhões, de pessoas idosas e pardas. Portanto, é importante evidenciar que as pessoas idosas negras têm lidado diariamente com as desigualdades sociais, entendendo que o racismo é um fator determinante para as relações sociais e para acesso à direitos.

Dados publicados em 2017 e 2019, a partir do estudo populacional Saúde, Bem-estar e Envelhecimento-SABE com idosos e idosas do município de São Paulo, mostraram que a população idosa negra sofre com as discriminações decorrentes do racismo e do etarismo, dificultando as condições socioeconômicas. Este fato se realçou na pandemia de COVID-19, na qual a maioria da população que contraiu o vírus e que sobretudo morreu, foi a população negra,

e dentro dessa população, as pessoas idosas foram impactadas diretamente com o sucateamento das políticas sociais, sobretudo a de saúde.

O cenário se reflete nos grupos específicos de pessoas idosas negras colocadas em maior situação de vulnerabilidade e risco durante a pandemia, a maioria exercia funções de trabalhos extremamente arriscadas para o contágio do vírus, como cuidadoras informais, domésticas, pessoas em situação de rua, privadas de liberdade, quilombolas, residentes de favelas e cortiços, etc. São essas pessoas que não puderam exercer o mesmo direito de pessoas idosas brancas de respirar sem o risco maior de morrer. Portanto, a pandemia de COVID-19 é mais um marcador histórico que realçou mais uma vez que o envelhecimento ativo tem sido branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É contrastado ao longo deste artigo, o quanto a desigualdade no Brasil é preponderante, fazendo com que a população negra seja a principal vítima do sistema atuante. A luta cotidiana por sobrevivência é uma forma de resistência, gerada ancestralmente, a inclusão desse público em espaços sociais traz uma perspectiva de mudança, capaz de desafiar preconceitos e desconstruir estereótipos enraizados.

Nesse âmbito, é de êxito a partir dessa escrita, refletimos que o acesso às políticas sociais, como saúde, saneamento básico, educação, moradia, emprego, retratam como a pessoa está localizada na sociedade perante sua classe social, no qual esses direitos são ofertados de forma desigual e resplandece a vulnerabilidade pautada na questão racial atuante, sendo excludente os direitos humanos para determinado público.

Em suma, a pandemia de COVID-19 de maneira inequívoca, reverberou as desigualdades profundas que perpassam a sociedade brasileira. A junção da necropolítica, envelhecimento da população negra e a pandemia das barreiras existentes. Sendo assim, ações para o combate de futuras consequências piores terão que ser feitas para uma unificação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse contexto, é vital reconhecer a necessidade urgente de políticas públicas inclusivas e igualitárias que enfrentam as raízes das desigualdades. Ações que visem a melhoria do acesso a serviços de saúde de qualidade, a promoção da educação e a criação de oportunidades econômicas para a população negra podem desempenhar um papel fundamental na construção de uma sociedade mais equitativa e justa.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

REFERÊNCIAS

BENTO B. Necro Biopoder: **Quem pode habitar o Estado-nação?** Cad Pagu 2018

FIOCRUZ, 2021. Negros são os que mais morrem por covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

BIANCHIR, Sérgio. **Quanto vale ou é por quilo?**. Paulo Sacramento. Produtora: Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda. 2005.

IBGE. PNAD Contínua- **Características gerais dos moradores 2020-2021**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 08 ago. 2023.

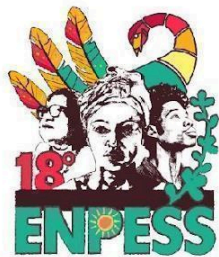
IBGE. **Síntese de indicadores sociais 2020**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32414-homens-pretos-e-pardos-morreram-mais-de-covid-do-que-brancos-em-2020>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2017**: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro, 2018.

LOPES, Guiomar S. **Envelhecimento e interdisciplinaridade: uma prática em construção**. In: TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza da C. E. (Orgs.) Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Editora Instituto de Saúde, 2011, p. 22.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MINAYO, M.C.S.; HARTZ, Z.M.A.; BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.7-18, 2000.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Ministério da saúde, 2021. **Coronavírus.** Disponível em:
<<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. p. 1.

Portal Geledes, 2020. Envelhecer é para poucos. Disponível em
<<https://www.geledes.org.br/envelhecer-e-para-poucos/>> Acesso em 10 ago. 2023.

PRADO, S. D., & Sayde, J. D. (2004). **A Pesquisa sobre Envelhecimento Humano no Brasil: Grupos e Linhas de Pesquisa.** Recuperado em 09 setembro de 2005 em
[Http://Www.Scielo.Br/Pdf/Csc/V9n1/19823.Pdf](http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19823.pdf)

Stuart-Hamilton, I. (2002). **A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução.** Porto Alegre: Artmed.

Tamai, S. (1997). Epidemiologia do Envelhecimento no Brasil. Em O. V. Forlenza, & O. P. Almeida. **Depressão e Demência no Idoso: Tratamento Psicológico e Farmacológico** São Paulo: Lemos.